



Historiografia e monumentalização na “querela dos antigos e modernos”

TEXTO PROVISÓRIO

LUIZ CÉSAR DE SÁ JÚNIOR¹

PROLEGÔMENOS

O objetivo desta comunicação é traçar um breve panorama da historiografia dedicada ao tema da “querela dos antigos e modernos”. Sendo parte constituinte de um artigo bastante longo, limita-se a apontar os atributos de livros que vieram a marcar tendências interpretativas de sucesso. A análise permite-nos sugerir que o próprio conceito de “querela” deve ser cuidadosamente caracterizado por historiadores que se interessem por utilizá-lo, uma vez que a fortuna crítica dotou-lhe de significados que nem sempre correspondem à primeira legibilidade normativa dos textos que a constituíram. Além apontar para essas dificuldades interpretativas oriundas de modelos anacrônicos, também é do interesse do texto marcar o tom teleológico de muitas narrativas da “querela”, que enxergaram na disputa entre antigos e modernos o nascimento da “modernidade”, associada, a depender de cada contexto, a formulários metafísicos como “o progresso da Razão” e a sedimentação de um novo “espírito do tempo”. Argumenta-se que a representação da queda inexorável dos “antigos” e da “antiguidade” frente à “Modernidade” nas ciências e nas artes ao longo da “querela” ainda exerce certa atração entre nós, embora sua presença por vezes passe despercebida sob a chancela de dispositivos analíticos herdados do século XIX (“Renascimento”, “Barroco”, etc.) que ofuscam a ausência e a alteridade em que se encontram os textos em questão. Nesse sentido, defende-se, seguindo pesquisadores contemporâneos, que o melhor tratamento do tema passe pela adoção do conceito de “controvérsia” e pelo entendimento de que os “modernos” da querela não sejam relacionados à Modernidade aprioristicamente.

O LUGAR DA “QUERELA” NO PARADIGMA DA MODERNIDADE

No tempo em que ainda era possível chamar letrados de gladiadores sem propósitos satíricos, Simon Augustin Irailh editou um livro que viria a gozar de enorme renome.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES.

Querelles littéraires, ou Mémoires pour servir à l'histoire des révolutions de la république des lettres, depuis Homère jusqu'à nos jours, impresso em 1761, era arguto na escolha dos episódios narrados e extremamente engenhoso ao comentá-los, a ponto de sua autoria ter sido atribuída a Voltaire (VAPEREAU, 1876: 1072). O livro do abade Irailh foi tanto o primeiro a desenvolver o conceito de “querela” quanto a primeira tentativa de aglutinar todas as grandes controvérsias do século XVII francês num único estudo, e suas repercussões para a consolidação dos conceitos de “antigo” e “moderno” provaram-se duradouras.

Ao afirmar que sua obra não era de modo algum uma sátira, Irailh manifestava interesse em negar o apoio ao “ódio” e às “injúrias” que teriam motivado as querelas. Esse pressuposto, que diz muito das opiniões de Irailh sobre os participantes das controvérsias, deveria ser substituído pela pretensão de retomar suas origens (*origines*) e desdobramentos (*progrès et suites*). Para Irailh, era desejável que os participantes de querelas aprendessem a respeitar uns aos outros, a temer pelo destino de seus semelhantes, a melhor utilizar os dons que receberam da natureza, ou seja, o gênio². Portanto, seu livro não apenas reconstituía episódios célebres, embora esse fosse o objetivo principal³, mas também advogava um método para aqueles que quisessem se engajar nesse tipo de atividade letrada.

A utilidade das querelas seria fomentar determinado assunto nos círculos letrados, pois o aprendizado só se confirmaria mediante intensas discussões⁴. Assim, se bem utilizada, a “querela” seria um instrumento pedagógico essencial. Todavia, esse uso louvável era geralmente malogrado porque as “paixões” envolveriam todos os debates. “As paixões cegam”, afirma Irailh, “e perdemos de vista o fundo da questão, para nos ocuparmos das personalidades”⁵. Mesmo os impressores seriam afetados por escolhas “apaixonadas”, na medida em que não conseguiriam distinguir entre os bons exemplos de querelas, ou seja, aquelas que instruem por meio da vivacidade das discussões, e aquelas consideradas perniciosas, tidas por contendas desencadeadas graças a sentimentos vãos. Curiosamente, se Irailh critica o culto às “personalidades”, também indica que os “autores” são decisivos para separar querelas úteis das improdutivas (IRAILH, 1761: viii).

² “On voudroit qu’ils apprissent à se respecter eux-mêmes, à craindre les écarts & le sort de leurs semblables; à mieux user des dons qu’ils ont reçus de la nature; à ne se point rendre le jouet du public” (IRAILH, 1761: v).

³ “Notre but principal est de contribuer à l’utilité du lecteur par le tableau des querelles littéraires” (IRAILH, 1761: vi).

⁴ “Ajoutons que les objets ne s’arrangent & ne se gravent jamais mieux dans l’esprit, que lorsqu’ils ont été vivement discutés” (IRAILH, 1761: vii).

⁵ “Les passions aveuglent. On perde de vue le fond de la question, pour se jeter sur les personnalités” (IRAILH, 1761: vii).

Os letrados escolhidos para o estudo de Irailh foram os “conhecidos”. A autoridade que seus nomes conquistaram ao longo do tempo teria sido a razão pela qual puderam superar o esquecimento dos tempos, como era o caso da maioria das “querelas”. Foi sua “singularidade” que os salvou do desinteresse futuro⁶. Essa escolha prova-se de fundamental importância. De um lado, ela refrata uma posição defendida pelos próprios participantes das controvérsias, que emulavam seus concorrentes na instituição de modo a ocupar um lugar destacado nos gêneros retórico-poéticos a que se dedicavam. De outro, a leitura de Irailh reconfigura aquela atividade, pública e desprovida dos sentidos de autoria e subjetividade psicológica, em prol do louvor ao “gênio”. O gênio atribuído pela “natureza” associava-se, em seu juízo, a um “espírito” particularmente dotado, fazendo do par romântico-liberal “mão/mente” a razão do sucesso de cada letrado e cada “querela”. Desse modo, ao propor um “quadro” factual das querelas, Irailh acabou introduzindo um fator interpretativo essencial; ele representa de modo bastante significativo a “virada” de um regime retórico a um regime literário ou psicológico, definitivamente majoritário a partir dos anos 1800 (COSTA LIMA, 2006: 135). Acompanhar essa passagem é imprescindível se quisermos mediar historicamente os textos, algo que nenhuma história intelectual deveria deixar de lado⁷.

Outra característica descrita pelo abade que viria a gozar de grande repercussão em estudos futuros é a noção de que as querelas são inerentes à vida letrada. Ele insistia que “em todas as épocas, em todas as nações – da Grécia à Itália – onde as ciências e as artes floresceram, o espírito de inveja e de cizânia sempre as acompanharam”⁸. Tratava-se de uma “doença” que acompanhava as grandes realizações do espírito, especialmente nos lugares e tempos em que houvesse letrados particularmente tocados pelo gênio (IRAILH, 1761: ix).

A presença das querelas seria parte das “revoluções contínuas⁹ da república das letras”, de modo que, ao seguir o fio de suas continuidades, poder-se-ia perceber o “progresso do gosto”, a “marcha do espírito humano”. A bem pensar, sugere Irailh, seu livro, “caso

⁶ “Il ne paroît guère ici sur la scène que des combattans dont le nom est connu. Quelque petit que soit l’objet de leurs querelles, c’est le moyen de lui donner une sorte d’importance. On s’est borné à celle que leur singularité a sauvées de cet oubli profond auquel les écrits polémiques sont d’ordinaire condamnés” (IRAILH, 1761: xii).

⁷ “Il s’agit de prendre en compte l’ensemble des médiations historiques qui ont permis à une oeuvre ou un texte de continuer à produire des effets dans le temps, d’étudier les processus qui ont maintenu tel texte vivant, en l’intégrant au sein d’une tradition, en construisant autour de lui des communautés interprétatives successives” (LILTI, 2012: 77).

⁸ “Dans tous les âges, chez toutes les nations où les sciences & les arts ont fleuri, l’esprit de jalousie & de division les a toujours accompagnés. Il les suivit de la Grèce en Italie” (IRAILH, 1761: viii).

⁹ O sentido do termo “revolução” em Irailh ainda é o celeste, que enfatizava a eterna continuidade e repetição de determinados eventos, e não o que iria se solidificar a partir da revolução francesa, ou seja, revolução como ruptura de uma ordem instituída.

melhor executado”, poderia resultar num “curso de literatura”¹⁰, e mesmo num curso de política, uma vez que as disputas eram, a seu ver, parte do “aggrandissement de la république”, apesar de seu caráter nocivo (IRAILH, 1761: xv).

No século XIX, Hippolyte Rigaud dedicou-se ao estudo das “querelas” com a publicação de sua *Histoire de la Querelle des Anciens et des Modernes*, de 1856. Lemos na introdução que, apesar da proeminência da disputa entre antigos e modernos na França, nenhum bom livro teria surgido sobre o assunto, o que teria motivado Rigaud a investir no tema. Rigaud critica implicitamente o empreendimento de Irailh, salientando que seria “loucura” debater as querelas tendo em vista a supremacia de um ou outro escritor. Se as controvérsias são intermináveis, é porque ocorrem em torno de valores “afetivos”. Ainda que pensemos que o grande interesse de uma querela é a vitória de dado autor ou ideia, o que estaria de fato em questão, segundo Rigaud, são nossos gostos¹¹.

Assim, para estudar adequadamente a “querela dos antigos e dos modernos”, teríamos de orientar nossa atenção à “ideia filosófica” então em pauta, a saber, o progresso do espírito rumo à independência “moderna”, resultante do rompimento com o sistema intelectual antigo¹². Não se tratava de um “problema escolar”, mas de averiguar o progresso do espírito humano rumo ao estado civilizatório corrente. Rigaud operava, é evidente, no âmbito iluminista de uma teleologia da modernidade.

O “projeto da modernidade” também foi enfatizado por Paul Hazard em seu célebre *Crise da consciência europeia*, de 1935. Hazard propunha que o abandono do “antigo”, de que a “querela dos antigos e modernos” seria não a explicação, mas o signo, devia-se à tendência de percebermos o passado como um território cada vez mais “inconsistent”, “impossible à saisir” e “toujours faux” (HAZARD, 1994: 26). Graças ao avanço de um “pironismo histórico”, sinalizado pela amplificação das dúvidas quanto às cronologias bíblicas e às histórias greco-romanas, uma “dúvida” teria instalado na “consciência” dos

¹⁰ “Au milieu de toutes ces disputes, soutenues de part & d’autre avec tant de chaleur, à travers ce fatras d’injures & de libèles, parmi ces révolutions continuelles de la république des lettres, le lecteur pourra suivre le fil de nos connoissances, les progrès du goût; la marche de l’esprit humain. Ce projet, mieux exécuté, offrirait un excellent cours de littérature.” (IRAILH, 1761: xiv).

¹¹ “Disputer sur la prééminence de l’Arioste ou du Tasse, c’est folie. Ces controverses sont interminables. On croit disputer sur la supériorité de génie d’un écrivain; on ne dispute au fond que sur la supériorité de son propre goût. C’est notre préférence que nous voulons faire prévaloir. Or une préférence, c’est une affection, et les affections ne se discutent pas comme les idées” (RIGAULT, 1856: ii).

¹² “C’est qu’en effet la querelle des anciens et des modernes n’est pas une frivole question de préséance. Au fond du débat il y avait une idée philosophique, une des plus grandes qui puissent être proposées à l’esprit humain, parce qu’elle intéresse la dignité de sa nature, l’idée littéraire corrélatrice, l’idée de l’indépendance du goût et de l’émancipation du génie moderne, affranchi de l’imitation des anciens” (RIGAULT, 1856: ii-iii).

historiadores do século XVII francês (HAZARD, 1994: 28-29). “Modernos” como Perrault teriam seguido o cartesianismo ao afirmar que um “honneste homme” não precisaria mais se ocupar do conhecimento do latim e do grego; Malebranche, por seu turno, insistia que os historiadores “contam o pensamento dos outros, mas não pensam”. Adão possuía a “ciência perfeita” no Paraíso, e a história não constava dela; os homens de Port-Royal a consideravam *libido sciendi*, e a história era sua “inimiga pessoal” (HAZARD, 1994: 30). Nota-se que a perspectiva de Hazard reencontra as análises anteriores na medida em que as controvérsias são *sinomas* de uma crise que, a seu ver, localizava-se na história. Mesmo a história romana, até certo ponto protegida pelo “partido dos modernos”, passou a ser considerada “fabulosa”¹³, acarretando o abandono de “aparelhos intelectuais” de longa duração em prol de um novo preceituário. Fontenelle, “campeão do partido dos modernos”, teria advogado, a partir dessas considerações, que o presente deveria se importar apenas com o presente. A educação somente se harmonizaria com o novo espírito do tempo na medida em que as crianças deixassem de estudar histórias greco-latinas para se dedicarem “à época em que vivem”¹⁴. Assim, a vitória do “partido moderno” seria a vitória da modernidade e da razão. *Ratio vincit, vetustas cessit*.

Essa questão é recolocada por Hans Baron em seu ensaio sobre a “querela dos antigos e modernos”. *The querelle of the ancients and the moderns as a problem for Renaissance scholarship*, publicado em 1959, realiza um balanço dos estudos realizados até então, definindo o papel central do livro de Hippolyte Rigaud. Assimilando também as observações de Hazard, Baron afirma que até então foram raros os que consideraram a querela como um

¹³ “Mais non ; on devait en rabattre, et corriger, à grand chagrin, la fausse image de ces amis très chers. Peut-être même fallait-il se persuader qu’ils n’étaient que des fantômes ; le jour allait paraître, ils se dissipaient dans les airs. Une voix, qui n’était jamais vaine, déjà les avait dénoncés comme irréels. Elle osait dire que les hommes étant toujours les mêmes, puérils, vaniteux, crédules, et particulièrement sensibles sur la question de leurs origines : tels ils sont aujourd’hui, revendiquant pour la nation à laquelle ils appartiennent de vains titres d’ancienneté, et tels ils étaient jadis. Les Romains inventaient des chimères que nous avons acceptées, que nous avons chéries” (HAZARD, 1994: 31).

¹⁴ “Voilà tout ce que l’histoire peut donner, d’après ce moderne, champion des Modernes dans la grande Querelle. Que le présent s’occupe du présent! On emploie plusieurs années, dans les écoles, à faire lire aux jeunes gens les historiens de Rome: comme on ferait mieux de les instruire de l’époque dans laquelle ils sont appelés à vivre! Car enfin, on ne voit pas bien quelles lumières on pourrait tirer pour les affaires de notre temps, d’un Cornelius Nepos, d’un Quinte-Curce, ou de la première décade de Tite-Live ; quand même on en aurait appris tout le contenu par coeur, quand même on aurait dressé une table exacte de toutes les expressions et sentences qui sont enfermées dans ces écrits. Il est inutile de savoir précisément le nombre des vaches et des moutons que les Romains menaient avec eux lorsqu’ils triomphèrent des Équiculans, des Herniciens et des Volsques. Mais le présent, mais la vie, mais l’avenir, appellent et enivrent” (HAZARD, 1994: 40-41).

novo estágio na história do pensamento. Ela teria sido apenas um capítulo no processo mais amplo de “revolta” contra a “tradição antiga”¹⁵.

Esse processo seria caracterizado pela capacidade de comparação simétrica com os “antigos”, na medida em que eles deixassem de ser considerados intrinsecamente superiores aos “modernos”. Desse modo, o sentido das afinidades entre Perrault, Fontenelle, Descartes e a nova ciência natural ficaria evidente. Afinal, as descobertas e argumentos do início do século mostravam que os homens de outrora não eram superiores aos homens do presente do ponto de vista de seu intelecto, de modo que a assim chamada “conquista da razão” teria permitido os desdobramentos que chamamos de “modernidade”. No geral, o esforço do “partido moderno” teria sido o de convencer os círculos letrados franceses de que autores coevos eram superiores aos “clássicos” greco-latinos. A dinâmica “autoral” da querela, que, como vimos, remonta ao século XVIII, a teria tornado menos interessante aos olhos dos estudiosos, que a julgavam indício de que os debates eram mera “disputa literária”. De acordo com Baron, foi nos anos 1920 que isso mudou, com os estudos de John B. Bury (*The idea of progress*) e de Richard F. Jones (*The background of the battles of the books; Ancients and moderns*, de 1936), primeira descrição da querela inglesa (BARON, 1959: 4).

Ambos os autores consideravam que o “Renascimento” era o empecilho a travar os avanços científicos da modernidade. Os humanistas teriam meramente substituído as autoridades da escolástica por aquelas do mundo antigo. Sem notar a presença da instituição retórica e o caráter público da escrita, justamente por causa do acento na condição autoral dos debates, Jones sugeria que a “imitação servil” dos “humanistas” produziu hábitos de pensamento que bloqueavam o progresso. Os letrados do XV e do XVI passam, assim, a deixar de ser os responsáveis pela inauguração da modernidade, recebendo a alcunha de “tradicionalistas” (BARON, 1959: 5). Se essas teses estivessem corretas, o entendimento do Renascimento como início da modernidade estaria arruinado. Mas Baron lembra que incorrer nessa leitura seria o mesmo que adotar a visão humanista da Idade Média, e discorre amplamente contra essa perspectiva.

Neste ponto, é importante historicizar o debate que Baron travava. Afinal, era importante para ele defender o Renascimento enquanto marco definitivo da modernidade, uma vez que sua conhecida tese sobre o humanismo cívico dependia disso. Sua defesa

¹⁵ “For a long time, however, the word rarely served as a label for a new phase in the history of thought; rather, it signified only the revolt against the traditional acceptance of Antiquity as a superior model in literature and art” (BARON, 1959: 3).

caminhava no sentido de negar a “imitação servil” dos humanistas, que seria apenas um estágio do aprendizado. O “progresso” seria alcançado por meio da emulação¹⁶, e mesmo o repertório “científico” dependeria dela. A expansão ultramarina portuguesa é citada por Baron como exemplo do casamento entre conhecimento antigo, emulação e experiência, condimentos da experiência “moderna” (BARON, 1959: 16). De todo modo, sua interpretação mantém as controvérsias seiscentistas, especialmente a “querela dos antigos e modernos”, assimiladas a processos mais abrangentes.

NOTAS PARA UM REVISIONISMO CRÍTICO

Joseph M. Levine contribuiu decisivamente para os estudos das controvérsias com a publicação de *Ancients and Moderns reconsidered*, de 1981. Para ele, muito embora toda a história das ideias pudesse ser descrita como um estado de “querela entre antigos e modernos”, os eventos do fim do século XVII teriam sido específicos na medida em que lidavam com um conjunto determinado ideários polêmicos. Para Levine, o sentido do embate entre o sistema de pensamento antigo e as propostas de ruptura “modernas” precisava de urgente reavaliação, uma vez que a própria história dessa querela há muito não era contada (LEVINE, 1981: 72). Levine retoma a “tópica” da querela como circunstância da prática intelectual, mas procura situar o confronto entre os partidos de uma forma internalista, advogando a especificidade e importância do evento. Nesse sentido, rejeitava as teses clássicas de que as querelas eram somente disputas *ad hominem* sem maiores consequências para a história do pensamento ocidental, rotina que, a seu ver, prejudicava livros como o de Hazard (LEVINE, 1981: 73).

Uma das maneiras de tornar o estudo da querela mais específico seria reavaliar seus episódios a partir dos métodos historiográficos contemporâneos. Afinal, a única descrição abrangente da querela estava no livro de Rigault, publicado em 1856. Para a querela inglesa, havia a introdução de *A Tale of a Tub* na edição de Oxford (1958), que, contudo, não passava de um mero relato factual (LEVINE, 1981: 73). Nesse sentido, a “querela” deveria ser analisada nos termos de um relacionamento direto (atestado pelas fontes) entre franceses e ingleses no fim do século XVII (LEVINE, 1981: 74).

¹⁶ “The fact that *aemulatio*, instead of *imitatio*, became the battle-cry of the best humanists from Poliziano in Lorenzo de Medici’s Florence to Erasmus and subsequently throughout the sixteenth century, is today a commonplace.” (BARON, 1959: 15).

O caráter “internacional” das ideias que viriam a compor o núcleo da “querela dos antigos e modernos” mostra suas dívidas com a cultura do Renascimento e a *Respublica Christiana*. Levine recomenda notar que essas “influências” foram particularmente relevantes no século XVII francês. Os debates em torno da “querela francesa” teriam sido mediados pela experiência “humanista”, e motivos “eruditos” teriam estado na base de argumentos de ambos os “partidos”. A partir do início do século XVIII, a querela teria perdido progressivamente esse caráter “humanista”, ganhando força enquanto “disputa literária” (LEVINE, 1981: 76).

Levine tem o mérito de relativizar a associação direta entre o “partido dos modernos” e a “modernidade”. Seu artigo salienta que o desinteresse pela querela pode ter vínculos com a noção de que os modernos não só venceram a disputa, como haveriam de vencê-la sempre, uma vez que se escudavam no inexorável progresso e no virtualmente inevitável declínio dos antigos. Se o “partido dos modernos” não fosse mais caracterizado assim, sua historicidade poderia ser recuperada. Os efeitos dessa postura seriam imediatos; muitas ações dos partidários do “antigo” poderiam ser lidas como “modernas”, enquanto diversas estratégias do “partido moderno” derivariam de procedimentos antigos¹⁷.

A ênfase na sobrevivência da antiguidade demonstra em que medida as reações “modernistas” não devem ser lidas como “sistemas intelectuais” substitutos, mas como circunstâncias pontuais de questionamento que não foram capazes, senão a partir de meados do século XVIII, de corroer a longa duração da instituição retórica. A grande questão passa a ser a análise dos dispositivos antigos, lugar por onde deveriam começar todos os estudos de controvérsias seiscentistas (LEVINE, 1981: 78). Nesse sentido, seria fundamental dissipar concepções “ideológicas” dos “partidos”, pois ambos compartilhavam um mesmo regime escriturário.

Como se tem insistido, um exemplo fundamental dado por Levine é o do erro em que incorremos ao associar a ruptura do “partido dos modernos” à “modernidade”. Esse esforço era, na realidade, derivado de tópicos antigas, como nos indica o *Diálogo dos oradores*:

Uma vez mais, o terreno foi preparado na Antiguidade, onde o debate sobre estilo e a imitação, sobre a eloquência tradicional *versus* a nova haviam se tornado lugares-comuns, particularmente no período clássico tardio. Então, por exemplo, quando Tácito, no pequeno diálogo sobre a oratória que lhe é usualmente atribuído, debateu as virtudes de Cícero como se opostas a tipo mais “moderno” de latim, o

¹⁷ “Thus, paradoxically, an ancient could in certain circumstances appear to be a modern, as we shall see the moderns, more closely examined, could sometimes turn out to be ancients” (LEVINE, 1981: 728).

estilo conciso e direto do Império, ele estava ensaiando argumentos que viriam a ressoar novamente da Itália renascentista ao século dezoito. E não é nenhum acidente que o célebre diálogo de Erasmo, o *Ciceronianus*, em que os argumentos de Tácito são repetidos com muitos outros empréstimos clássicos, tenha sido reimpresso em Oxford em 1693, exatamente na véspera da “batalha dos livros”¹⁸.

Assim, os diversos âmbitos das controvérsias (retórica, filosofia, etc.) foram calcados em emulações que nada tinham de “modernidade”. O único fio condutor a integrar as ramificações das controvérsias seria precisamente a história, seus sentidos e métodos de estudo. É com o passado que elas se relacionavam de maneira mais intensa. Mais especificamente, o passado era território comum onde os “partidos” se opunham em busca de *auctoritas*¹⁹.

A lacuna detectada por Levine ao constatar que não havia um único relato das controvérsias francesas desde o livro de Rigaud foi suplantada por Marc Fumaroli. No ensaio *Les abeilles et les araignées*, que serve de introdução a sua antologia de textos das “querelas”, Fumaroli fornece um panorama abrangente, detectando possíveis origens para as “batalhas” que opuseram Perrault, Boileau e seus respectivos aliados no fim do século XVII. Segundo Fumaroli, qualquer estudo sobre essas controvérsias deveria levar em conta letrados do século precedente, pois as primeiras manifestações de um “partido moderno” teriam despontado com Petrus Ramus, “iniciador de uma reforma antiaristotélica da retórica que funde dialética e retórica, e que dissocia a invenção e a disposição da elocução”²⁰. Bodin, em seu *Methodus* (1566), teria advogado a superioridade dos tempos modernos, ocorrendo o mesmo em Louis le Roy (*La Vicissitude*, 1575). Ainda de acordo com Fumaroli, o estado da questão “foi fixado

¹⁸ “Once again, the groundwork was prepared in Antiquity where the argument over style and imitation, over the new as against the traditional eloquence, had become commonplace, particularly in late classical times. So, for example, when Tacitus in the little dialogue on oratory that is usually attributed to him, debated the virtues of Cicero as against a more ‘modern’ kind of Latin, the concise and pointed style of the Empire, he was rehearsing arguments which were to resound again from the Italian Renaissance to the eighteenth century. And it is no accident that Erasmus’s famous dialogue, the *Ciceronianus*, where the arguments of Tacitus are repeated with many other classical borrowings, was reprinted at Oxford in 1693, on the very eve of the battle of the books” (LEVINE, 1981: 80).

¹⁹ “History was the rub of the contest because wherever one started, whether it was with literature or philosophy, the arts or the sciences, the dispute was always about the purposes of the past, about its usefulness and authority in the present” (LEVINE, 1981: 84).

²⁰ “[...] initiateur d’une réforme anti-aristotélicienne de la rhétorique qui fait fusionner dialectique et rhétorique, et qui dissocie de l’élocution l’invention et la disposition” (FUMAROLI, 2001: 8).

pelos *Ensaio*s de Montaigne, talvez o livro mais lido²¹ na França e na Europa pelas gerações sucessivas do século XVII” (FUMAROLI, 2001: 9).

No entanto, Fumaroli considera que a relação de Montaigne com o mundo antigo deu-se mediante uma tensão, pois Montaigne – graças ao desdém pelo “pedantismo” e “ao vigor prodigioso de seu ‘eu’” – desejava relacionar-se com as “almas fortes” da antiguidade “sem subserviência”. Para ilustrar essa ideia, Montaigne teria recorrido (*Essais*, I, 26) à “fábula da fécondité génèreuse” presente em Erasmo e Horácio. Tudo isso faz Fumaroli concluir que Montaigne é o arquétipo dos “antigos” nas querelas que viriam a se instituir²².

O fundador do “partido dos modernos” teria sido Richelieu, que, ao criar a *Académie Française* em 1635, investiu no projeto da monarquia universal de nobilitação da língua francesa. Letrados como Descartes elogiaram Guez de Balzac precisamente por sua capacidade de enaltecer o “latim dos Modernos”, incarnando o papel outrora desempenhado por Quintiliano. Assim, ao redor dos anos 1640, o público restrito de letrados capazes de manter comunicação em latim começou a sofrer com a concorrência da nobilitação do francês, mudando a face da “República das Letras”. O consumo, contudo, variava de academia para academia, de círculo para círculo. Certos eruditos, como Dupuy, mantinham grupos para o resgate dos “antigos”. Mulheres “d’esprit” e academias de físicos e matemáticos orientavam-se diversamente. Nos últimos, Fumaroli enxerga a origem da “nova ciência” (FUMAROLI, 2001: 15).

O consumo das “honnêtes gens” retirou dos letrados da República das Letras “internacional” o privilégio de distribuição do prestígio, o que se refletiu na preferência por livros breves e desprovidos de “pedantismos”, como as publicações de imensas enciclopédias contendo citações dos autores antigos. O conhecimento dos antigos deveria ser idealmente alcançado apenas com a leitura das “belles infidèles”, edições de textos greco-latinos que recebiam traduções “modernizadoras”. Ao longo do século XVII e início do século XVIII, a infidelidade sugerida pelo apelido dos livros antigos passa a ganhar contornos positivos, ao menos para alguns, como Houdar de La Motte. A infidelidade ao contexto de origem significava adaptação aos anseios “modernos”. Nesse sentido, o sucesso das “belles infidèles”

²¹ Importa precisar que a afirmação procede apenas parcialmente, pois Montaigne é relativamente pouco citado nas primeiras duas décadas do século XVII. Uma apreciação geral de sua recepção neste contexto foi disponibilizada por MILLET (1995).

²² “Il faut toujours revenir aux *Essais* pour comprendre l’étonnante résistance et fécondité du parti des Anciens au XVIIe et au XVIIIe siècle” (FUMAROLI, 2001: 10-12).

seria indício de que mesmo entre os “modernos” permanecia aceso o pendor pelos “antigos”, ainda que com todas as nuances indicadas (FUMAROLI, 2001: 171-18).

Essa passagem é determinante para percebermos os procedimentos adotados por Fumaroli. Ao mesmo tempo em que seu ensaio preserva a necessidade apontada por Levine de privilegiar os dispositivos antigos como os únicos acessíveis tanto aos partidários dos “antigos” quanto dos “modernos”, deixa antever dois limites que tornaram o empreendimento criticável na opinião de outros historiadores. Em primeiro lugar, como bem observou Antoine Lilti, Fumaroli produziu uma síntese puramente intelectual do debate, que peca ao deixar de explorar a fundo os aparatos conceituais mobilizados. Por exemplo, é recorrente em seu livro o emprego de termos de época (“ancien”, “moderne”) sem clarificar seus sentidos em cada uma das controvérsias. Assim, “o sentido último da análise é, aqui, universalizar as questões da querela para concluir por sua atualidade no presente (LILTI, 2005: 16). O corolário dessa postura leva ao segundo ponto de crítica, a saber, o interesse “ideológico” de compor um elogio dos “antigos”. Larry Norman destacou recentemente que o livro de Fumaroli situa-se numa corrente de estudos composta, entre outros, por *Ancients against Moderns*, de Joan DeJean, e *Nous autres, modernes*, de Finkielraut, ao promover um engajamento político à investigação, na medida em que enfatiza a atualidade de um dos “partidos”. No caso de Fumaroli, o elogio dos “antigos” equivaleria a uma crítica ao pendor moderno por sua autodescrição²³. Nesse sentido, o livro proporia um debate um tanto datado com a historiografia, rompendo com a “modernidade” duas décadas depois da revisão crítica sinalizada por Joseph Levine. Por outro lado, centralizaria os “antigos” pelos motivos errados, uma vez que não caberia colocar-se ao lado de um ou de outro “partido”, mas mostrar que ambos partiam de procedimentos retórico-poéticos e de uma política da escrita cuja caracterização minuciosa está por fazer.

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

²³ “DeJean, sympathetic to the Modern cause in her *Ancient against Moderns*, aligns the Ancient party with late twentieth-century opposition to multiculturalism and canon reformation; in contrast, Fumaroli (“*Les abeilles et les araignées*”), who is followed by Finkielraut (*Nous autres, modernes*), praises Ancient apologists such as Swift for their timeless critique of modernity’s hermetic self-obsession. These essays make compelling cases for their cause; however, the answers appear so clear-cut, and the scales so tilted, that we are left wondering how serious minds could devote so much time and intellectual energy to the problem, or even dare to maintain a reasonable position in opposition to those presented” (NORMAN, 2011: 13).

A inserção das “políticas de escrita” como ferramenta analítica para investigar as controvérsias é fruto do trabalho de Christian Jouhaud. Em *Pouvoirs de la littérature*, de 2000, Jouhaud propõe diversas considerações metodológicas. Em primeiro lugar, salienta a importância decisiva de uma reconstrução hipotética das condições de escrita no século XVII francês, que obrigaria os historiadores a buscar as “tecnologias escriturárias”, ou seja, os vínculos de dependência que constituíam a fonte de reconhecimento dos letrados; as formas retóricas de produção das controvérsias e os objetivos que almejavam²⁴; a presença da monarquia como entidade reguladora das associações entre os letrados, manifestada pela criação das *académies*, sobretudo a *Académie française*²⁵; a relação, a nossos olhos paradoxal, entre independência institucional dos letrados e submissão à monarquia (JOUHAUD, 2000: 9-21). De modo geral, o autor observa que “encontraremos nas escritas polêmicas ações de escrita que reproduzem, em seu registro, as ações políticas que elas narram, que elas evocam”²⁶.

Mais recentemente, Larry Norman protagonizou uma nova leitura das controvérsias francesas seiscentistas, com especial ênfase na “querela dos antigos e modernos”. *The Shock of the Ancient: Literature & History in Early Modern France*, de 2011, parte de uma discussão sobre Anne Dacier, usualmente associada ao “partido dos antigos”, para demonstrar que essas posições estavam longe de serem homogêneas. Anne Dacier promovia o culto do antigo em sua tradução de Homero (1711), o defendendo dos ataques daqueles que o consideravam mero resquício de tempos bárbaros. As críticas a Homero representavam

²⁴ “Polémiques, querelles, avaient montré plus d’une fois qu’une bonne partie des hommes de lettres qui écrivaient en langue vulgaire, en vers ou en prose, cherchaient à promouvoir l’idée alors peu évidente qu’ils disposaient d’une compétence spécifique, on pourrait même dire d’une ‘expertise’ (volontiers, ils s’accusaient d’ailleurs mutuellement de l’usurper)” (JOUHAUD, 2000: 18).

²⁵ Reduto, para Fumaroli, do “partido dos modernos”. “Autour de Richelieu, on avait déjà vu se dessiner les premiers linéaments de la doctrine des ‘Modernes’. L’un des ‘écrivains du Cardinal’, l’abbé de Boisrobert, prononce devant l’Académie française en 1637 un Discours contre les anciens. Un autre zélateur de Richelieu, l’abbé d’Aubignac, opposait à Corneille une poétique rationalisée qui anticipe celles des Modernes du règne suivant. Ce même abbé avait écrit des ‘Conjectures académiques ou dissertations sur l’Iliade’, qui ne furent publiées qu’en 1715, en pleine Querelle d’Homère elles mettaient en doute l’identité même d’Homère, et cherchaient à ruiner toute admiration pour son art. L’un des plus proches collaborateurs littéraires de Richelieu, Jean Desmarets de Saint-Sorlin, sera le chef du parti des Modernes sous Louis XIV, avant de passer le flambeau à Charles Perrault. La supériorité absolue demandée pour le ‘siècle de Richelieu’ découlait logiquement pour ses thuriféraires de la transcendance politique de ce prince moderne. La doctrine du poème de Perrault, dédié à Louis XIV au sommet de sa puissance, a été amorcée par l’entourage du Cardinal. Lancelotti y a apporté sa modeste contribution” (FUMAROLI, 2001: 81-82).

²⁶ “[...] comme l’a souvent montré Louis Marin, on trouvera aisément dans des écrits polémiques (mais ailleurs aussi) des actions d’écriture qui reproduisent, dans leur registre, l’action accomplie dans la sphère des actions politiques qu’elles racontent, qu’elles évoquent, qu’elles épaulent, le ‘coup’ politique se trouvant ainsi rejoué dans le ‘coup’ textuel” (JOUHAUD, 2000: 21).

apenas parte do acúmulo de opiniões (Descartes, Bacon e os autodenominados “modernos”, seus sucessores) contra a autoridade dos antigos. Contudo, em vez de tentar salvar Homero mediante o louvor aos seus atributos universais, Dacier preferiu elogiar as particularidades do tempo por ele vivido, desconectando-o dos leitores; ao fazer isso, transformava Homero em modelo de combate contra as mazelas de seu próprio tempo, questionando os parâmetros tradicionais da autoridade a ele conferida. O “barbarismo” de Homero era aceito na medida em que permitia aos “modernos” experimentar “sentimentos” completamente diferentes (NORMAN, 2011: 1-2).

Dacier, Longepierre e outros opunham-se, desse modo, ao “idealismo moderno”, calcado nos apelos cartesianos à razão defendidos sobretudo por Charles Perrault²⁷. Boileau, principal defensor dos “antigos”, teria originado essa crítica ao retomar o conceito de sublime, apresentado na tradução de *Do sublime* de Longinus (1674). O sublime de Boileau era definido como um “je ne sais quoi”²⁸, expressão escrita que ultrapassaria os parâmetros “clássicos” (estilos baixo, médio e sublime), alinhando-se ao conceito de “gênio”, ou seja, algo impossível de se adquirir somente por meio do estudo; tratava-se de uma intercessão furiosa da natureza, cujo gênio “possuía” um letrado (NORMAN, 2011: 4). Homero, isento de toda a “lógica”, transforma-se, aqui, no poeta mais perfeito, pura inspiração heroica, ou, como colocava Boileau, “obscuridade elegante e majestosa” (NORMAN, 2011: 5; 193-196).

Enquanto os modernos construíam uma filosofia contra a poética, os antigos empregavam a poética para formular uma nova filosofia, predecessora da “estética”, no sentido de se concentrar em percepções sensoriais do belo e do sublime. O objetivo da investigação de Norman seria precisamente captar essas viradas, que podem ter gerado uma poética da expressividade psicológica a partir da releitura dos antigos (NORMAN, 2011: 6).

Essa releitura teria sido possível mediante um reordenamento da experiência histórica como um todo, que desfamiliarizou o mundo antigo completamente. Este foi recomposto de diversas maneiras, dependendo de cada grupo de letrados. Os “antigos teriam se engajado numa fidelidade “atormentada”, cujo exemplo máximo seria a leitura de Dacier. Já os “modernos” teriam defendido uma “transformação terapêutica” do patrimônio antigo

²⁷ “[...] we have seen that the quarrel is primarily concerned with adoration, since the authority of antiquity was by 1687 [refere-se à publicação do poema de Perrault, *Le siècle de Louis XIV*] fatally diminished, at least in its bearing to the literary tastes of the cultivated but nonscholarly audience of the quarrel” (NORMAN, 2011: 80).

²⁸ Em posição, Charles Perrault defenderá que o talento natural é mais ou menos o mesmo em todos, o acúmulo do tempo e o surgimento do método garantem a vitória dos modernos. “Method is of a categorically higher order than talent or inspiration” (NORMAN, 2011: 162).

(NORMAN, 2011: 37). O principal resultado desse processo teria sido a possibilidade de livre pesquisa face à consolidação de uma “antiguidade sem autoridade” (NORMAN, 2011: 7). É do interesse de Norman explorar as consequências da querela para o Iluminismo e para o Romantismo, mas não de modo teleológico. O objetivo é explorar como a “querela” perde potência e torna-se cada vez mais anacrônica na medida em que a sensibilidade histórica se altera (NORMAN, 2011: 8).

Tentando escapar da dinâmica autoral da controvérsia, Norman discute o sentido do termo “querela”, avaliando que ele é reducionista, pois nos impele a ler os textos como uma “paltry dispute”, uma polêmica presumivelmente motivada pelas políticas de auto posicionamento dos escritores. Se considerarmos a leitura de Christian Jouhaud, esse argumento deixa de lado a importância da escrita como ato político de enaltecimento dos letrados em vista de reconhecimento público. Assim, Norman acerta ao criticar parte da historiografia, que, como vimos, “personalizou” as controvérsias, classificando sua importância exclusivamente pelo renome dos autores, mas perde de vista a problematização dessa perspectiva, que tem fundo histórico. Ao dizer que a “querela dos antigos e modernos” era sobretudo um “debate de ideias”, Norman reconhece implicitamente uma escrita desinteressada, subjetiva e psicológica que seria preciso demonstrar.

Por outro lado, o livro remete abundantemente à já referida mescla de posições no interior de cada “partido”. Norman nos mostra que Fontenelle, alinhado aos “modernos”, não deixava de louvar a “erudição humanista” por ter recuperado os “antigos”, de modo que eles pudessem ser superados em suas “melhores edições”. Quanto aos membros do “partido antigo”, eles não hesitavam em reconhecer o sucesso de “invenções modernas” e em manter distância de seus “predecessores humanistas”²⁹. A razão desse comportamento logo fica evidente; os defensores dos “antigos” tinham, exatamente como os “modernos”, um compromisso com a monarquia. Boileau, por exemplo, foi acusado de instigar os poetas a cantar os feitos de Luís XIV, abandonando os motivos greco-latinos, o que não espanta, pois

²⁹ “The lesson seems clear. Far from being the diehard party of the fading Renaissance, far from being the last believers in a rebirth based on the study of Greek and Latin classics, the champions of antiquity could, when needed, take considerable distance from their humanist predecessors, and happily place themselves in a new world where reason trumps authority” (NORMAN, 2011: 47).

ele detinha o cargo de historiógrafo da corte³⁰. Em suma, seria possível detectar “posições” “antigas” e “modernas” nos textos, e não adesões integrais³¹.

EPÍLOGO

As correntes historiográficas contemporâneas têm adotado alguns procedimentos para evitar a primazia de interpretações ligadas aos paradigmas da assim chamada “Modernidade”. Em primeiro lugar, salienta-se a utilização do termo “controvérsia” para melhor identificar as disputas letradas ocorridas entre os séculos XVI e XVII, na medida em que o termo “querelas” deveria ser empregado nas leituras do contexto onde foi produzido, isto é, em análises como as de Irailh e de Rigaud. Os projetos desses autores foram marcados pela tendência, aliás muito presente no historicismo (GRAFTON, 1981: 109), de estudar os grandes “personagens” envolvidos nas disputas como indícios para a apreensão de toda uma época. Além disso, a passagem às “controvérsias” é de fundamental importância metodológica, pois permite reconsiderar as posições “antigas” e “modernas” a partir dos critérios de produção e consumo da instituição retórica, critérios esses que partiam de usos públicos e anonimamente compartilhados de tópicos e técnicas que não se prestavam a refletir a natureza interior e psicológica dos indivíduos (HANSEN, 2012). Nesse sentido, os “gênios” de Boileau ou de Perrault alinhavam-se a motivos retóricos que atendiam a funções reconhecidas pelo público da “querela” como decoro. Falar de decoro significa, por fim, enquadrar todos os textos produzidos pelos partidos numa discursividade “antiga”, que nos impele a considerar a “facção dos modernos” em chave diametralmente oposta à monumentalização pela Modernidade, tônica das leituras que se seguiram aos episódios daquela controvérsia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON, Hans. The querelle of the ancients and the moderns as a problem for Renaissance scholarship. *Journal of the history of ideas*, Vol. 20, No 1 (Jan, 1959).

³⁰ “Chénier had a point, and, seen from a distance, the Ancient apologist is in reality quite a Modern. After all, in addition to the ambiguities of his aesthetics, Boileau was, as of 1677, a functionary whose duty, as historiographer of Louis XIV, was to proclaim the superiority of a modern monarch” (NORMAN, 2011: 48).

³¹ “We would best conclude such speculation by affirming that there are Ancient and Modern positions to be found in writings, but no pure and simple Ancients and Moderns among actual writers” (NORMAN, 2011: 48).

- FUMAROLI, Marc. *La querelle des Anciens et des Modernes – xvii-xviii siècles*. Paris: Gallimard, 2001.
- GRAFTON, Anthony. Prolegomena to Friedrich August Wolf. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Volume 44, 1981.
- HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne: 1680-1715*. Paris: Le livre de Poche, 1994.
- IRAILH, Abbé (Simon Augustin). *Querelles littéraires, ou Mémoires pour servir à l'histoire des révolutions de la république des lettres, depuis Homère jusqu'à nos jours*. Tome premier. A Paris, Chez Durand, Libraire, rue du Foin, 1761.
- JOUHAUD, Christian. *Les pouvoirs de la littérature: histoire d'un paradoxe*. Paris: Gallimard, 2000.
- LEVINE, Joseph M. Ancients and Moderns reconsidered. *Eighteenth-century Studies*, Vol. 15, No 01 (Autumn, 1981).
- LILTI, Antoine. Rabelais est-il notre contemporain? Histoire intellectuelle et herméneutique critique. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, No 59-4, 2012/5.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.
- MILLET, Olivier. *La première reception des Essais de Montaigne*. Paris: Honoré Champion, 1995.
- NORMAN, Larry F. *The Shock of the Ancient: Literature & History in Early Modern France*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.
- RIGAULT, Hippolyte. *Histoire de la Querelle des Anciens et des Modernes*. Paris: Librairie de L. Hachette, 1856.
- VAPEREAU, Gustave. *Dictionnaire universel des littératures*. Paris: Hachette, 1876.
- HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga*, Vol. 20, Nº 33, 2012.